

# O GAZETEO.

Publica-se no 1.º, e 15 de cada mez }  
 Assigna-se na Typographia onde se }  
 imprime, e mais lojas do costume. }

Assignatura por tres mezes — }  
 200: — Avulso 40 reis. }

SEGUNDA FEIRA 1 DE JULHO.

## CONSERVATORIO DRAMATICO.

Ainda está por decidir o importante objecto que occupou a ultima secção do Conservatorio, e assaz de tempo ha decorrido sem que aquella assemblea tenha tornado a reunir-se. — Proveito para os candidatos, que bem terão curado em o não perder: oxalá tambem que nesse intervallo tenham os juizes litterarios pensado maduramente nos quesitos, que mais impendem a quem haja de exercer as difficeis funcções de — *Mestre de Historia Geral, especialmente de Portugal, applicada á Arte Dramatica.*

Tal é a Cadeira á qual concorreram os Snr.º — *Seixas*, — *Monteiro*, — e *Silva Leal*. — Todos estes senhores deram uma amostra em seus discursos do estudo particular que fiseram na sciencia que aspiram a ler; nenhum juizo todavia emitiremos á cerca do particular merecimento de cada um dos candidatos, pois que a demanda ainda está pendente, e não queremos prejudicar a nenhuma das partes.

Philosophar sobre a historia geral do universo; discursar sobre as analogias e contrastes que ella appresenta nos diversos paizes; remontar ás causas dos acontecimentos notaveis, e dessas analogias e contrastes; convergir em resumidos quadros toda a historia do mundo, anno per anno, época per época, de maneira que se possa abraçar com uma só vista, bem como em um dezenho de pequena superficie se abarcam muitas léguas de extensão; notar os usos,

costumes, vestuarios, vicios e virtudes, proprios de cada tempo, de cada região... eis uma pequena parte do que se requer para ser um bom mestre d' historia.

*Resumida noticia da vida de D. N. A. P. de M., sexto Duque de Cadaval. (Continuado do N.º 3.º)*

Na obra não desmetece o A. a elegancia e pureza de estylo demonstrada nos §§. transcriptos do prologo.

Eis-qui aquelle por onde começa — "Nascer em tempo adequado ao fim d'elle, não depende do homem: tem, com tudo, na felicidade ou infelicidade da vida humana, muito grave importancia. Nasce, e vive, em dias serenos um homem de disposições ordinarias; logra na sua carreira muita satisfação, e talvez adquire largo credito e primoroso; em quanto outro, nascido com talentos e propensões superiores ao vulgar, mas em epocha de dias maus, não prova mais do que contratempos e tribulações, e acaba, senão desconhecido, ao menos mal conhecido dos seus contemporaneos. Quantos serão representados na Historia com aureola brilhante, que a devem só, ou principalmente a devem, á felicidade dos tempos! A quantos tira a desgraça dos tempos o que em rigor era devido a egregias prendas e raras virtudes! Ponderação triste, mas verdadeira; pela qual todo o intendmento reflectido alcança facilmente, como é incerta e precaria a felicidade sobre a terra, e a que descontos é subjeita a fantastica illuzão (com tudo tão namorada!) que se chama gloria humana."

Trasladando este §, não podemos deixar de louyar outra vez o escriptor, nem resistir a copiar inda os seguintes, nos quaes, com tanta perspicuidade como concisão, appresenta a nobilissima origem, e clara sanguinidade do Duque. — Diz pois o A. (pag. 8) =

"A Familia de Bragança e a de Cadaval vêm do mesmo venerando tron-

co; sem mais differença, que a do primeiro e segundo ramo. O Duque de Bragança D. Fernando II e o fundador da baza de Cadaval, o Senhor D. Alvaro (que assim é nomeado nas nossas Historias) eram legitimos irmãos, e bisnetos, pelo Duque D. Affonso e sua mulher D. Brites Pereira, d'El-Rei D. João 1.º e do grande Condestavel D. Nuno Alvares Pereira. Sobre-sahiu a Caza de Bragança em razão da sua primogenitura e de allianças contrahidas com a legitima linha reinante, pelas quaes adquiriu e assegurou o direito realizado em 1640. D' este realce com tudo coube tambem parte á Caza de Cadaval, pelo casamento (com posteridade que ainda se continua) de D. Francisco de Melo segundo Marquez de Ferreira, neto do Senhor D. Alvaro, com D. Eugenia de Bragança filha do Duque D. Jaime, legitimo neto do Infante D. Fernando, e sobrinho legitimo d'El-Rei D. Manoel. E se de tão claias e relevantes allianças se lhe não offereceu no Reino outra occasião, fóra do Reino contrahiu casamentos nas familias da mais antiga e remontada nobreza, como as de Altamira, Tavora e Lorena; cujo alto esplendor veio reunir-se com o de Bragança na Caza de Cadaval.

De tão luzida Caza foi (contando desde o fundador) decimo representante e sempre por varonia, D. Miguel Caetano Alvares Pereira de Mello, quinto Duque de Cadaval, oitavo Marquez de Ferreira, nono Conde de Tentugal, filho do quarto Duque, D. Nuno Alvares Pereira de Mello, e de D. Leonor de Tavora, dos Condes de S. Vicente. Ficou o Duque D. Miguel por morte de seu pai, em minoridade: o negocio porém do seu casamento, sem embargo dos descuidos e talvez desmanchos, que costumam trazer consigo as menoridades, veio a ser encaminhado com a bem succedida prudencia, que em taes materias acompanhou constantemente as determinações d'aquella familia; e no anno de 1791 cazou o Duque com D. Maria Magdalena Henriqueta Carlota Emilia de Montmorency Luxembourg, filha legitima do Duque de Viney Luxembourg e de Chatillon, e terceira neta do celebre

Marechal de Luxembourg, que sustentou a gloria das armas d'El-Rei Luiz XIV contra a sagacidade e incansavel perseverança do Principe d'Orange; Senhora de raro aviso, e de tão singulares prendas, que o menos dote, que neste consorcio levou á Casa de Cadaval, foi o luzimento de tão distincto appellido.

Nasceu d'este consorcio o Duque D. Nuno aos 7 d'Abril de 1799. . . . .

Mas com tantas bellezas d'estilo e de frase, tal é a mescla bastarda que se tem introduzido em nossa linguagem, que não escapa ao *gallicismo*, e *francismo* uma tão pequena obra de tão bom A.!! — Isto affirmamos, por que, ou muito nos enganamos, ou por certo essa tacha merece, a frase = *ao contrario* no sentido em que della usa a pag. 13 = *Poderam ter ao menos navegação mácia, e breve; mas foi, ao contrario, cançada, e trabalhosa. . .*; e a pag. 55 = *Os mais ardentes e insoffridos recusavam toda a dilação. . .* Ao contrario os mais repoisados, e reflexivos. . .; e em outros varios logares se acha este *au contraire*, bordão Gasção. &c. —

Gallicismo porem intolleravel, e geralmente havido por tal é o que se nota a pag. 23, onde tendo falado da volta do Duque a Lisboa em 1816, e da preferencia de viver no campo a viver na Cidade diz = *Quanto mais que o Duque possuia nobres quintas: . . é de resto era lograr repouso. . .* &c. Quem dirá do B. de Vizeu este *de resto*?

Não é menos de censurar o excessivo e repetidissimo emprego dos terminos *precate*, *precatado*, *precatada*, *reposito*, ou *reposito*, *repousado*. &c.

Isto com tudo são bagatellas, que a incuria, ou a mesma natureza humana rara vez consente, que todas possam acantellar-se.

Muito e incomparavelmente muito para notar é a referencia, que o A. para prova da constante lealdade dos Duques de Cadaval faz a pag. 57 aos passados tempos, quando diz:

« Pela terceira vez a mesma linha-gem e o mesmo nome foram chamados a servir o Rei, e a Patria em circumstancias de grande apuro, mas não d'igual difficuldade. O grande condestavel D. Nuno Alvares Pereira serviu e ajudou o Mestre d'Aviz, que veio a ser El-Rei D. João I.º: E o 1.º Duque de Cadaval D. Nuno Alvares Pereira de Mello, serviu o Infante D. Pedro, que vencidas as contingencias a que a enfermidade de seu irmão, e as ambições, que della se valiam, trouxeram á Patria e á Monarchia, veio a ser el-rei D. Pedro II.º: o 6.º duque D. N. C. A. P. de M. serviu o infante Regente, que sem embargo de muitas e muito poderosas considerações veio a ser el-rei D. Miguel I. —

Se ha cousa duvidosa em ponto his-

torico é o direito de D. João I.º; e nem é preciso recorrer aos historiadores estranhos, que mais desenvoltos falam; na nossa propria terra não falta quem de usurpador o alconhe ainda. Quanto a D. Pedro II melhor convem que fiquemos em silencio. — O certo é que tantos seculos decorridos consumaram os direitos de suas descendencias: mas a respeito da legitimidade de suas pessoas em referencia aos partidos relativamente oppostos!! — Pelo amor de Deus! os seus factores podiam ser valorosos, magnanimos, invenciveis, podiam ser tudo, e tudo seriam; excepto exemplo de puritanos legitimistas.

Mau serviço fez pois o A á memoria do D. de Cadaval nesta sua desgraçadissima recordação; ou por demasiado sublime lhe não entendemos a logica.

Nem com mais fortuna a nosso ver discorre quando menciona, que o Duque de Lafões fôra pela Regencia de 1826 deputado a El-Rei D. Pedro IV por que sendo o Duque um dos Regentes, acaso não reconheceu elle por mais este facto quem era o rei por quem estava? E como tendo assim reconhecido lhe era licito mudar, e ajudar a levantar outro, fosse este quem quer que fosse.

Mais miseramente (pg. 43) o A. memora, e nem podia escurecer, que o Duque foi e exerceu a mais elevada dignidade constituída, pela Carta como Presidente da Camera dos Pares; e (pg. 51) convem, e nem podia deixar de convir, que muitos esperavam, que não atraçoaria como atraçoou os principios, que tão alto o haviam collocado. A isto equivallem as seguintes expressões: «

» Desembarcou o Infante em Lisboa a 22 de Fevereiro de 1823. Foi recebido, reverenciado, e seguido, com sincero, e pleno contentamento de todos os que um partido contrario não tornava seus inimigos. Não faltou em se pôr a seu lado a Nobreza, e em frente d'ella o Duque de Cadaval; a quem o Infante mostrou presar, e aproveitar. Entrou a vacillar toda a Fabrica Revolucionaria; e bem se infere, que se o Presidente da Camara dos Pares não ajudou, ao menos não pôz esforço por impedir a convulsão. Não faltou pessoa, aliás entendida, e grave, que ajuzasse sem esconder o seu juizo, que o Duque ajudaria a sustentar a nova ordem politica do Reino, por não perder as distincções insignes da Presidencia: mas o seu juizo ficou agora claramente refutado. =»

Não tractemos de politica; tratemos de logica; e quem for imparcial diga, se pode com taes discursos defender-se o duque de versatil. Mau advogado em nosso intender é este A., que escrevendo o que lhe parece, substituindo o facto ao direito, cuida desenredar-se da rede que para si mesmo fabricou desnecessariamente: para lou-

var o Duque não precisava ostentar este lado do quadro

O A. pois pertendendo por tal modo elogiar o duque, só o crimina: arte fora por tanto a ommissão de taes particulares.

E por certo reconheceu o duque por seu legitimo rei o Sr. D. Pedro IV; reconheceu, que elle tinha authoridade para promulgar a Carta Constitucional, que, como outra qualquer Lei passou pela chancellaria; aceitou e exerceu a mais preeminente graduação, que por ella lhe podia ser conferida: e depois, e sem nenhum motivo superveniente figurou a pró de d. miguel como o mesmo A. refere. Eserá este o homem d'una só fé?

Desde a publicação da Carta o Marquez de Chaves, Magessi, e outros contra esse Governo se levantaram. Si lhe não fossem favoraveis os acontecimentos, teriam de soffrer a pena dos rebeldes. Mas elles não esperaram esses acontecimentos para se determinar; elles não quizeram servir a dous senhores, como o duque; e ainda no peor partido a constancia é respeitavel.

Nós não somos nem fanaticos, nem freneticos; e por isso longe estamos d'acoimar aquelle que sabe em propria utilidade regular-se pelas circumstancias maiormente em tempos tão arriscados. (Concluir-se-ha.)

## O CERCO DE CORINTHO.

Poema de Lord Byron, traduzido em verso portuguez — per Henrique Ernesto d'Almeida Coutinho — Imprensa Commercial do Porto. — Folheto em 8.º — 44 pag.

Uma traducção em verso de qualquer das Poesias de Lord Byron é cousa tão propria a estimular a curiosidade e o interesse, que, tendo nós lido muito á pressa a obra de que se tracta, não podemos deixar de alguma cousa dizer ja a seu respeito; prometendo de voltar ao assumpto, quando mais de espaço a houvermos cotejado com o original.

Mostrou o Traductor nobre ousadia, e consciencia de forças emprehendendo tão arriscado trabalho, mas o resultado coroou a sua diligencia, pelo menos no que toca ao mecanismo da poezia, que da fidelidade da versão ainda não podemos falar. —

Rica de selectos e variados termos, bella na pureza e copia de phrases, propria na escolha dos epithetos, imitativa e *enarguica* nas descrições, é esta versão uma das melhores de que temos noticia, e muito mais lhe soba o valor pela difficuldade do empenho.

Alguns versos — talvez por muito limados — descahem no brande e froixo, e, entre a phrase muito classica e elevada de que usa, lembra-nos que vimos um — *indemnizar*, que se não casa muito com a solemidade do assumpto, pois que é um termo por extremo *interessiro* e sem magestade.

E' nas descrições que o traductor

mostra quanto vale; toma então a poesia um natural, que, dando-lhe ori-

ginalidade, lhe tira todos os visos de traducção. O seguinte fragmento ser-

virá para justificar nesta parte o nosso juizo. —

„ E' meia-noite: a fria lua ostenta  
O disco inteiro, e amplo fulgor diffunde  
A contrastar co' a sombra das montanhas;  
Traja d'azul o mar, d'azul se veste  
O firmamento, este suspenso oceano,  
Todo cravado d'ilhas que refulgem  
Lá tão remotas com ardor tão vivo:  
E quem, quem pôde attento contempla-las,  
E repassar depois os olhos tristes  
No valle dos mortaes, sem que apesteça  
Voar e unir-se para sempre a ellas?  
Dormem as ondas n'uma praia e n'outra,  
Placidas e ceruleas como os ares,  
Só de leve as areas roça a espuma,  
Com murmurinho igual ao de um regato.  
Os ventos se recostam sobre as ondas;  
E das hastes ao longo quietas pendem,  
Em pregas conchegando-se, as bandeiras,  
Que remata arci-fulgido crescente.  
Nada interrompe esta mudez profunda,  
Senão alem a voz da sentinella  
Reproduzindo a senha, ou lá mais longe  
Relincho de corceis agudo e crebro,  
Ou eccos que respondem dos outeiros,  
Ou da hoste bravia o rumor vasto,  
Que semelhante ao de agitadas folhas  
Alongando-se vai de praia a praia,  
Ou preces usuaes que á meia-noite  
Levanta o Muezzin, rasgando os ares

Co'a lamentosa garganteada lóa,  
Qual spirito que vaga na planicie:  
Melodicos accentos, mas prantivos,  
Quaes os produz o vento, que passando,  
Encontra as cordas de sonoras harpas,  
E extrahе descompassadas harmonias,  
Que não conhece o menestrel mundano.  
Este som se affigura aos sitiados  
Grito agoureiro da infallível quédia;  
Elle fere no ouvido aos sitiadores  
Como indicio aziago e pavoroso,  
Repentina toada indefinível,  
Que os corações lhes paralisa agora,  
E logo os faz pulsar mui appressados,  
Co'a vergonha de haver surdido n'elles  
Tão desusada sensação furtiva:  
Dest'arte o sino apreguador da morte  
Nos sobresalta de repente ouvido,  
Inda que seja em funeral d'estranhos.

N. B. — Não temos a satisfação de conhecer o Traductor, nem sabemos sequer a que escalla da sociedade pertença; conhecemos a sua producção, e só ella é que nos dictou a que acima escrevemos: somos-lhe gratos pelo bem que faz á litteratura, passando condignamente para o nosso idioma, e repartindo com todos os portuguezes, as grandes riquezas de poesia e imaginação do GRANDE BARDO. — Oxalá não seja esta a ultima traducção de Byron. (\*)

## ASSOCIAÇÕES SCIENTIFICAS.

### SOCIEDADE PHARMACEUTICA.

E' a *Sociedade Pharmaceutica Lusitana* uma d'aquellas, que, devidas ao amor da sciencia e da humanidade, e escoradas na prudencia e porfia, promettem desde o seu começo consequencias de proveito. — Foi instituida no dia 24 de Julho de 1835, data que o seu memoravel anniversario facilmente mnemonisa; são os seus fins — O progresso da Pharmacia em toda a sua extenção; — tudo o que nos limittes da sciencia fôr concernente á saude publica; — Sustentar e defender per todos os meios legais o credito e dignidade pharmaceutica de seus membros; — soccorrel-os, quando o hajam mister, ou suas viuvas, e filhos.

Conta esta Associação no seu gremio muitos sabios portuguezes, hespanhoes, francezes, italianos, inglezes americanos &c. e não só os que se dedicam ao ramo estrictamente pharmaceutico, mas ainda os que mais avultam em outras sciencias, e que teem em muito fazer parte de tão respeitavel corporação. — O venerando Bispo Conde D. Francisco de S. Luiz, O Visconde de Villarinho, o Doutor Agostinho Albano da Silveira Pinto, alguns professores das Escolas Medica, e Polytechnica de Lisboa, e muitas outras notabilidades que seria prolixo enumerar, são Socios Honorarios da mesma Corporação.

Comprehenderam bem os Socios que a formam o pensamento da sua installação, pois que, alheios a todas as

cozas que não tendam aos progressos da pharmacia, só uma idea alimentam, e querem realisar — o adiantamento da sua sciencia. — E para esse adiantamento teem concorrido: por ahí correm as suas representações, analyses, observações, escriptos, e discussões, que lhes teem grangeado a estima publica, e os elogios dos sabios (como bem refere no seu relatório o segundo Secretario da Assembléa Antonio de Carvalho) — As representações ao Governo sobre saude publica tem concorrido para extirpação d'abusos, e prejuizos, e alguns males teem evitado — Tem-se dado a Sociedade á analyse de muitas substancias, especialmente *agoas mineraes* — objecto que bem pouco tem sido cultivado entre nós, talvez pola difficuldade que envolve.

O seu *Periodico*, com quanto nem sempre abunde de cousas novas é geralmente bem redigido, e só pôde condemnar-se a sua irregularidade.

Finalmente esta instituição pode vir a ser de grande utilidade si progredir nos seus trabalhos chymicos, procurando generalisar um ramo de sciencia que entre nós é bem desconhecido: chamaremos tambem a attenção da Sociedade sobre a Chymica vegetal, não só pola connexão que tem com a pharmacia, mas polo abandono em que se acha no nosso paiz esta importante parte da sciencia.

### REVISTA THEATRAL

RUA DOS CONDES. — O *Emparedado*, drama original portuguez em 3 actos: O *Banqueiro de Francfort* ou *A E-*

*leição de Carlos 5.º* grande drama em 5 actos, traduzido do francez; O *Poltrão*, farsa em um acto, igualmente tradusada; — eis as peças novas que nos deu aquelle theatros nestes ultimos quinze dias.

Tendo de falar do *Emparedado* nos avexa ainda esta vez a obrigação, que nos impomos, de banir dos nossos escriptos a adulação, ou a acrimonia, e exprimir francamente a nossa humilde opinião a cerca das producções litterarias; salve-nos porem o declarar-mos, que nossas criticas nunca reflectem nos actores, e só quando louvamos os confundimos com as suas obras.

O *Emparedado* ou *A Constançia na Vingança* foi originariamente um drama em 5 actos; reduzido a trez, ficaram-lhe vestigios de mutilação em muitas partes: algumas transições lemasiadamente rapidas, e que deixam perceber lacunas, mostram bem que, emendar, ou alterar o primeiro pensamento de uma obra, é amesquinhal-a, e tirar-lhe o natural; todavia a opinião de muitos é que o drama ganhou com as correções; do que não podêmos ajuizar, não o tendo lido no seu primeiro estado.

E' o seu titulo a primeira coisa que lhe atenúa o interesse pois que deixa adivinhar, quando menos, a paixão que no drama predomina; qual quer individuo que lêsse nos Cartazes as personagens que nella figuram, e as combinasse com a epigrapha - *Cons-*

(\*) Este poema acha-se unicamente á venda em Lisboa na Loja da Viuva Henriques — Rua Augusta N.º 1.

tancia na vingança, não era mister ser aruspice para lhe predizer o meio e o fim. — Igual senão se encontra no 1.º acto em cuja ultima scena o *Emparedado* declara, quasi sem mysterio, os seus projectos, os quaes ja pôdi am deprehender-se das palavras que Alvaro Pães profere na exposição. As scenas do povo são mui bem conduzidas, e produzem bastante effeito. — O 2.º acto procede friamente até á ultima scena da rainha com o *Emparedado*, a qual é verdadeiramente dramatica. O comprido monologo de D. Leonor é cheio de trivialidades; ahí se queixa a amante do conde Andeiro dos seus desgostos, e remorsos, e se admira de que haja quem pense, que o ouro e a purpura não cobrem senão alegria e felicidades. . . . . e continúa [palavras formaeas]: — “Tudo apparencia, e nada realidade! — Falando continuamente nos remorsos, nem a presença do seu conde, por quem esmorece de amores, nem as expressões apaixonadas d'este, são capazes de a distrahir; e eis que lá vem segunda vez com a morte de D. Maria Telles, e com os seus remorsos de maneira, que mais parece uma *Magdalena*, do que uma *Cleopatra*. Alem de se achar assim falsificado um caracter historico, um tão continuo remorso, que tanto se approxima do arrependimento, chega a interessar muito os espectadores em favor da adúltera. — A scena em que vem a depuração do povo propor á rainha a sua abdicção, ou deposição, é impolitica, e talvez possa ser taxada de anarchica. No ultimo acto é para notar-se o monologo do *Emparedado*, logo immediato ao dialogo d'este com o Mestre d'Aviz; ahí o falso monge se attribue modestamente toda a gloria do triumpho alcançado per aquelle principe, e o faz figurar como um instrumento subalterno da sua vingança. — A scena seguinte imita muito a do drama — *Catherina Howard*, na qual aquella ephemera rainha se confessa pela boca do seu algoz, do seu primeiro esposo. Não é muito lisonjeira para ser representada na presença da Rainha de Portugal uma scena, em que um homem manda, e faz prostrar a seus pés, uma rainha de Portugal.

A linguagem usada no drama é geralmente boa, e propria; e nelle se dá com muitas bellezas parciaes, que são abónos do talento do seu auctor.

É uma primeira obra; e, si não é perfeita, onde está o escriptor que inctasse a sua carreira per um môdello de perfesção!

O *Banquero de Fransfort* ou *A Eleição de Carlos V.* é um drama bem enredado até ao 4.º acto: o 5.º parece que lhe é um appendice forçado; e tanto que muitos dos expectadores julgaram terminado o drama quando acabou o dito 4.º acto. — Alem disto parece-nos ter-lhe descoberto um grave defeito na forma do envenenamento, que se suppõe ser com uma

coroa. Não julgámos que se possa imaginar veneno tão subtil (nem ainda o dos *Borgias*) que seja capaz de produzir um effeito mortal polo simples contrato com a pelle, e muito menos protegida está com um tegumento tão massisso e volumoso como são os cabellos em uma mulher. — Na traducção ha gallicismos taes como — *Cheffe d'Obra*, e outros

O *Poltrão* é uma soffrivel farça, e tem boa critica. —

S. CARLOS. — No dia 27 foi á Scena um novo *Bailéte*: tem bonitos vestuarios e os *bailados* são *engraçados*; é uma agradável dança de Verão. —

### LITTERATURA DA RUSSIA (Continuado do Numero antecedente.)

Mouravieff mostrou bem qual o mister, e o caracter dos metropolitanos nos primeiros seculos da propagação do cristianismo em o Norte; esses metropolitanos de todas as Russias, que representaram per bem longo tracto a mesma unidade que hoje representa o Imperador, com quanto menos completa, pois comprehendia o temporal com o espirital. Tratou o author esta importante materia com toda a sagacidade e profundeza de vistas que ella comportava.

Uma época mais chegada aos nossos dias, o reinado dessa famosa Imperatriz que *Voltaire* tinha chamado *le Grand*, e cujo nome é effectivamente um dos mais celebras que apparecem nas historias, foi para *Lefort* assumpto d'um trabalho de relevante interesse. Possuindo-se para o reinado de *Pedro Grande*, principio da reforma politica da Russia, uma obra sufficientemente extensa qual a de *Gallhoff*, nada havia para o, não menos digno d'attenção, de *Catherina 2.ª*; reinado que representa d'uma maneira tão singular o ingresso da civilização europeia na Russia. *Lefort* seguindo passo a passo os trabalhos de *Catherina*, e dos *estadistas* que a coadjuvaram no que ella soube prefazer; analisando os progressos da civilização, achou occasião de dar aos Franceses, e Alemães a parte que lhes cabe nessa evolução tão notavel do povo Russo.

Algumas palavras direi d'uma obra, que me parece ter sido tratada, com mais indifferença do que o merecia, pela imprensa Russa: deve-se a *Terchenko* e tem por titulo — *Biographos Diplomatas Russos*. É um d'esses trabalhos executados com verdadeira consciencia, librando sobre pegas originas pela maior parte desconhecidas. Os jornaes russos, sem curarem do fundo da obra, como ella o merecia olharam somente ao estylo, o qual estou bem longe de pertender justificar.

N'esta parte é o auctor demasiadamente desleixado, o que ainda mais avulta em materia como a diplomacia, que tanto requer a belleza de estylo,

e até pode dizer-se que por direito lhe compete; seria justiga todavia levar em conta a intelligencia, e perseverança empregadas para tirar d'entre o pó dos archivos um sem numero de preciosos documentos que ahí jaziam ignorados, e dão agora a mais viva luz em muitas partes da historia. — Facilmente se concebe que essa biographia dos Diplomatas é, sob um titulo modesto, uma verdadeira historia da diplomacia russa. . . . .

Começa pela do mais antigo dos diplomatas d'aquelle imperio. — O padre *Demitri Mitay*, e termina pela do *Conde de Nesselrod*, actual ministro dos negocios estrangeiros.

A historia das colonias genovezas na *Crimca* per *Monrsakévitch* pertence tambem ao anno de 1838. — Sabido é, que os Genovezes pojaram na *Criméa* no Seculo 3.º, e ahí fundaram a Cidade de *Kassa* bem como outras muitas estações no mar Negro, e até no Caspio. Apesar dos ataques dos *Venizianos*, e dos *Tatares*, conservaram os estabelecimentos genovezes o seu esplendor por espaço de dons seculos nessas longinquas, e, então inhospitas, regiões, onde mantiveram o monopolio do commercio. Foi só no decimo-quinato Seculo que essas colonias pereceram ás fortes mãos dos *Turcos*. Uma historia de tanto interesse como a da *Taurida* nessa epocha ainda não houve quem a tratasse em professo, e apenas alguns elementos se acham espalhados em relações de viajantes. — Novo motivo pois que mova a gratidão da Europa illustrada para com a nova eschola historica da Russia, que nem por isso deixa de ser filha da grande eschola europeia

Ao governo se deve uma *Noticia das possessões russas transcaucasianas*, a qual, baseada em documentos officiaes, offerece dados de grande preço e totalmente ignorados até hoje. Esta obra é o resultado de uma expedição scientifica na *Georgia* provocada pelo *Conde Cancrine* ministro da fazenda.

Levada com grande cuidado e intelligencia, sette annos durou esta expedição, e vasto clarão espalhou sobre essas regiões, que hoje são objecto de tanto interesse. A geographia tanto destas provincias, como das que pertencem á Russia, ou das que simplesmente estão sob a sua tutela; as circumstancias relativas ás linhas de communicação, á industria, ao commercio, á litteratura, aos usos dos habitantes, formam a base d'este grande trabalho. (Concluir-se-ha)

N. B. Assigna-se no Porto Para este Periodico nas Lojas de livros de *Moré*, — *Novaes* — e *Queiros*.

LX.º NA TYP. DE J. F. SAMPAIO  
Pateo do Salena N.º 13.